

Dois PEREGRINOS NO PAÍS DA LINGUAGEM¹

OU DE COMO PODE SER POSSÍVEL UMA PROFUNDA INTIMIDADE ENTRE DOIS ESTRANHOS ATÉ QUE ESTES SE TORNEM IDENTIFICÁVEIS E AFASTADOS PELO DUPLO ESTÍGMA DA AUTORIA E DO ANONIMATO: REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ESCRITOR-LEITOR.

Lúcia Afonso ²

Gostaria de agradecer o convite para participar deste encontro e, principalmente, a oportunidade que me trouxe de fazer uma reflexão sobre o tema da relação escritor/leitor, que, de outra forma, talvez nunca viesse a fazer. Em momentos como esse, é tentador lançar mão de citações de autores conhecidos, usando a sedução de textos já consagrados para legitimar a própria experiência. Mas devo lembrar que este texto tem valor apenas como depoimento pessoal, não pretendendo ser crítico nem estabelecer verdades gerais sobre a relação entre qualquer escritor e qualquer leitor. Faço uma reflexão sobre minha experiência, acrescentando poemas que possam servir de aprofundamento ou ilustração da idéia.

Minha reflexão está centrada na relação escritor/leitor quando a escrita tem a forma "poesia". Para iniciá-la, uma pergunta parece-me básica: por que uma forma de expressão tão íntima é dada à publicação? Por que o escritor de um poema não o destrói assim que termina de escrevê-lo? Por que entrega a um leitor anônimo aquilo que de mais pessoal tem? E por que não se limita a ser lido por aqueles cuja proximidade afetiva possibilita que compreendam melhor a pessoa do poeta?

1 Artigo apresentado na VI Jornada de Psicologia Educacional, Mesa Redonda "Relação Escritor-Leitor", 28 a 30 de abril de 1993, Departamento de Psicologia - PUC - Minas Gerais.

2 Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Talvez porque o poeta seja um peregrino no país da linguagem, buscando a revelação de uma intimidade que ele próprio desconhecia e que necessite do olhar de um completo desconhecido para alcançar sua legitimação ou completar sua jornada na intersubjetividade da linguagem.

Penso que a poesia é uma necessidade básica do ser humano, tal como dormir, alimentar, excretar, e fazer gozar o corpo, pois ela é o gozo do espírito ou, se quisermos usar de outra expressão, ela se constitui no mais puro e necessário gozo da linguagem. Para compreender isto, é preciso lembrar que a poesia não se encontra apenas escrita nos poemas. É traço fundamental da criação da linguagem, de sua compreensão e utilização, que tantas vezes surpreende e assusta o homem em seu cotidiano, quando vislumbra no que disse ou ouviu a marca de um gozo – este que a linguagem traz embutido na percepção do infinito, do virtual, do indizível, daquilo que tão genuinamente expressa o coração da vida, que não pode perdurar além do instante e está sempre prestes a se tornar “estranho”.

Vou expor três momentos da relação poeta-leitor tal qual a percebo e vivo:

- 1) O momento em que escritor e leitor gozam de uma profunda intimidade entre estranhos, sendo o leitor um Outro imaginário,
- 2) O momento em que o escritor trabalha o poema e o leitor começa a se configurar como um Outro temporal e possível,
- 3) O momento em que o escritor se torna “o autor” e se desprende do poema, tornando-o público, enquanto o leitor se torna “o anônimo”.

Finalmente, evoco o reinício do ciclo de sedução que permanece vivo na linguagem: escrever e ler, objeto de reconstrução de uma intimidade que, após ter encontrado o reconhecimento, perdeu-se na cena pública.

1 RETRATO DA ESCRITORA ENQUANTO A ESTRANHA OU DE COMO O LEITOR SE CARACTERIZA COMO UM OUTRO IMAGINÁRIO, COMPARSA DO ABSURDO

Há poemas que “nascem” completos. Permanecem na forma original como foram escritos, sem que o escritor tenha necessidade de

mudar uma única palavra. Há outros que são levemente modificados, demolidos e reconstruídos, recortados, trabalhados, em tempos extremamente variáveis. Mas, na maior parte das vezes, o poema fica esquecido até que um dia, organizando uma gaveta, o escritor o redescobre, relê, reescreve, evoca a cena original da escrita, transforma-o ao sabor do seu novo momento. O leitor é dispensável no momento da criação do poema. Mais do que isso, nesse momento, o leitor incomoda como fonte possível de crítica e incomunicação. A quem mais poderia se dirigir um escritor, no momento de sua criação, senão a si mesmo? Que outro pode lhe interessar senão o que carrega em si, como "o estranho"?

A relação escritor/leitor, neste momento, não está sujeita à intenção de se vender poesia, de agradar ou comprazer terceiros. Pelo contrário, nesse momento, o leitor é alguém imaginário que compreende e acompanha o poema, em perfeita simbiose. O leitor imaginário da poesia é aquele que também se apaixonou pela linguagem. Sua leitura é viagem e reinvenção. Através dela quer reviver a emoção, perseguir um conhecimento mais profundo do mundo e de si mesmo. O diálogo do poeta com o leitor é um diálogo sem rostos definidos, entre dois estranhos que partilham da intimidade das emoções, ritmos, evocações, imagens.

Da mesma maneira como o leitor é indefinido no ato de se fazer a poesia, pois só existe como a possibilidade virtual de todos os Outros, o escritor é inteiramente dispensável no ato de se ler a poesia, pois o que ali sobreviveu pertence à linguagem e à vida e desconhece qualquer princípio de autoria. Posso ler um poema escrito por um anônimo na Idade Média e dele fazer importante experiência. Não há maneira certa de se ler um poema, ou interpretação correta. Não sei quem leu ou ainda vai ler os meus poemas, o que sei é que fará deles sua própria poesia.

O mais interessante é que, entre esses dois desconhecidos, partilhando através da linguagem de uma profunda intimidade, foi preciso que o autor fizesse emergir, em si, seu outro ou outros, ou ainda "o estranho", e o leitor procurasse em si, um outro, também um "estranho", esse que responde e embarca na viagem da poesia.

Escrever poesia é algo que me acontece, em um primeiro momento, como algo involuntário. A poesia vem como espasmo criador. Sinto-me como aquele personagem da história de fada a quem deram uma ordem simples: "vá não sei aonde e traga-me não sei o que". A tal ponto sinto-me espectadora de minha própria criação que

sou tentada a descrever a poesia como a expressão mais forte da linguagem que faz de mim um instrumento e não uma escritora. Ela se escreve através de mim. Entretanto, não sendo dada a misticismos, sei que, de algum lugar em mim, de uma estranha que me habita e que sou eu mesma, é que essa criação se faz. Sujeito e linguagem tornam-se de tal forma cúmplices que eu, esse eu que conheço, não pode fazer outra coisa senão se render:

*Nunca sei o que vou escrever quando começo
e é surpresa sempre essa que escreve
a outra que faz valer sua presença
até então escondida em minha pele.
Nunca sei quem vou ser quando começo
a viver,
e é sempre uma surpresa
essa que me aparece quando acordo
de um sonho que eu era ou acreditava ser.
Por fim, palavras são sementes e processos:
quando vou ver, descubro,
quando me inteiro, parto
de mim, matriz, nutriz,
quimera.*

Posso determinar um momento em que vou redigir textos teóricos e até mesmo ficção. Nunca pude fazer o mesmo com poesia. O máximo que já consegui fazer foi negar-me a escrevê-la. Muitas vezes resisti. Mas quando vem com força, o poema jorra em frases inteiras, impõe-me seu ritmo aos gestos, torna-se urgente. Quem é essa que escreve? Releio um escrito. Fui eu quem escrevi isto? Mas então não me conheço direito. Não conheço esta que escreveu. Quem é senão "a estranha", essa que absorve a vida e a devolve através das palavras?

*Às vezes não quero escrever
e escrevo o que não quero,
tenho medo da confissão,
vergonha de amar, culpa dos erros.*

E a escrita me escuta e espreita e diz.

O encontro com essa “estranha” é uma cena íntima, uma cena que prescindir de leitores porque somos as duas, nesse momento, escritora e leitora, eu e outro. A poesia aparece-me nesse momento como um diálogo comigo mesma. Diálogo que força-me a abrir passagem em minha litania cotidiana, ritual, institucional, previsível e convencional para a mais sensível e rica “palavra” da estranha. Às vezes, escrever é um sentimento gostoso, que se dá sem esforço ou sofrimento. Às vezes, um sentimento de exaustão é o que resulta, de poemas breves tanto quanto de longos, conquanto densos:

*Dôo como pedra que o cinzel corta
– a mão da vida guia outras
invisíveis tantas indivisíveis mãos:
toca, fere e molda
o duro veio das paixões:
Dôo como pedra – e o cinzel corta
– veios sem sangue exibem os poros
desnudados
em sua mais intensa comoção.
Será arte o final dessa escultura?
Ou é seu fim pura destruição?*

No momento em que permito que a estranha se expresse, não posso ser sua crítica. Não sei se os padrões estéticos do poema o destinam a ser uma obra “boa” ou “má”. Quanto mais me preocupo com a crítica, menos a estranha fala, pior resulta o poema, pois é como se eu tentasse submeter o trabalho criativo da linguagem aos meus pobres e limitados recursos individuais. É preciso navegar no fluxo das palavras, deixar que o seu curso se faça, ou que sejamos nós o leito de seu rio, sua viva correnteza:

*passe-me por dentro
turvo triste tácito
rio
e no contraste
leve e a mim
à outra margem*

Deixar falar a estranha, ter a vontade do dizer involuntário, assumir a riqueza desse diálogo, permite que escrever poesia seja uma

forma de sobreviver quanto de viver mais, de seguir trilhas de verdades que se transmutam, de apoiar-me levemente nas asas das palavras. O leitor torna-se o ouvinte atento do bater das asas, percebe em formas cifradas e construções de poucas palavras, todo um mundo de sentimentos que lhe reafirma sua humanidade. Faço do leitor destes poemas a testemunha dos limites, o aprendiz dedicado da leveza, capaz de transformar lamentos em cânticos à vida:

*Desejo Morte.
Palavras compõe a margem
tênue e escorregadia
entre meu desejo de morte
e Morte, ela própria.*

Outra experiência que o poema traz é a vivência virtual de situações imaginárias. Nunca se pode realmente saber, ao se ler um poema, se ele é retrato ou invenção de realidade. À sua própria maneira, o poema torna real a cena imaginária, não em fatos mas em vivência psicológica. Evoca uma experiência que só acontece no poema, mas que reproduz sua emoção, dor ou gozo. O escritor precisa supor que, ao se entregar à leitura, o leitor partilhará dessa vivência, sem por em cheque seu grau de veracidade, conferindo-lhe uma verdade consensual e uma prova de intersubjetividade. Salvará, assim, da loucura, o poema, senão o escritor, ressaltando na criação a sua marca radical de invenção da experiência.

*quisera me enrolar em outros seres:
serpentes, sapos, gente, passarinhos,
eu canso de ser sempre a mesma
e a vida, ter sempre o mesmo tom e sina.
trocar de identidade com as coisas:
ser nuvem e rio, maçã e móvel e gelo,
canto e navio, ser fumaça, e música,
ser idéia e fogo e sentimento.
são tantas as formas possíveis no universo
que me cansa o ter sempre a minha própria
e no entanto sei que nesse limite é que aprendo
e que nomeio os seres e vou vivendo.
e assim talvez também vá sendo
aquilo que desejaria além das formas.*

Se permito à estranha que aflore-me à escrita, é que dela neces-
sito para sentir-me viva:

*Não só a inocência das palavras,
também a sua violência,
sangue em fluxo, lágrima,
ira, doçura e santidade,
tudo me abandonou – sou carne,
desejo perdido nos meandros,
luz que desmaiou no corpo,
luz que desmaia.*

A poesia afirma-se como diálogo plural comigo mesma, com a lin-
guagem, com o leitor imaginário. Só o estranho do leitor permitirá o
acesso à verdade do poema: a relação não é entre dois sujeitos coti-
dianos, mas entre dois estranhos que por um momento comungam
de profunda intimidade.

Mas existe um segundo momento na escrita de poemas em que
os termos da relação escritor/leitor, situados em um tempo por pa-
drões estéticos, começam a tomar contornos voluntários, expressos
na vontade de dizer de certa maneira e na procura determinada de
um tipo de criação.

2 TRABALHAR COM PALAVRAS: DO ESPASMO CRIADOR À CRIAÇÃO ELABORADA OU O LEITOR COMO LEGITIMADOR DE TEMAS E DE UMA VERDADE ESTÉTICA

Escrito o poema, em sua forma espontânea e primeira, posso
reescrevê-lo, guardá-lo, rasgá-lo. Dificilmente o destruo. Raramente
sobra-me energia para reescrevê-lo logo que nasce. Após algum tem-
po, o reencontro. Rer o poema pode trazer a vontade de trabalhar
seu conteúdo, linguagem e música. Elaborar a criação, maturar a
obra. Experimento vírgulas, preposições, mudo palavras, corto e re-
faço. Lá está ainda a estranha, porém, apaziguada. Reconheço-me
nela, agora, o que equivale a dizer, aprendo com ela, aprofundo-me
nela, torno-me como ela. O leitor será aquele que compartilhar des-
se reconhecimento, que legitimar a verdade do poema, do conteúdo
e da estética, a minha verdade pessoal. O leitor ainda é, nesse mo-
mento, intangível, e por isso mesmo tem identidade, imaginária que

seja: ele é aquele que sabe ou pode vir a saber do que falo.

Para que o leitor se reconheça no que escrevi, e no texto reencontre também o seu estranho, há um caminho estético a se construir. Paradoxo próprio à poesia, é preciso trabalhar o poema sem que se perca a presença do espontâneo, da estranha. Se os aspectos formais sufocam a espontaneidade do poema, matam-lhe a alma. Se o poema mantém sua espontaneidade, mas sem que sua forma seja elaborada, perde a força de comunicação, sua superfície de espelho. Lapidar a pedra sem ferir o veio.

Fazer consigo o mesmo que se faz com poema é um grande desafio que fica para quem da obra. Igualmente elaboração pessoal e interpessoal, o poema é a maturação da palavra da estranha ao mesmo tempo em que a elaboração da estranha na linguagem. Trabalhar o poema permite que a análise pessoal ganhe corpo e alma nova no jogo das formas da linguagem. Em alguns poemas, a forma torna-se tão imprescindível quanto o conteúdo, embora dele continue diferenciada. Por estarem inclinados ao rigor, chamaremos estes poemas de "rigorosos":

Corpo: cala.

*Quem te ouviu
gemido e fala?
Escuro e simples,
Corpo: cria,
linguagem crua.*

Corpo: Carpe.

São nossas próprias exigências estéticas que, então, atribuímos ao leitor, construídas no interlúdio com as formas estéticas aprovadas no tempo e lugar que vivemos. Resulta delas a transmutação dos poemas. Demonstra, para o escritor, a existência de um leitor temporal, identificável. Não mais nosso companheiro de absurdo, agora é apenas um parceiro de viagem. É para que este companheiro nos compreenda melhor, ou alcance a transmutação de nossas verdades, que reescrevemos o poema. Vejamos as duas formas abaixo. A primeira é a forma original: nasce como lamento de amor, precário e triste. A segunda é a forma trabalhada: feita poema existencial, grave e contido.

(1)

*Diariamente escrevo
como se as palavras pudessem te trazer
por um mantra oculto em minha pele.
Mas a magia está finda
e nada substitui sua presença,
nada preenche o seu vazio.
O que faço, então, das palavras que me afogam?
Componho poemas tristes
e tento ser dócil.*

(2)

*Diariamente escrevo
como se palavras pudessem trazer
um mantra oculto em minha pele.
Mas a magia não substitui
qualquer presença.
Que fazer das palavras que me afogam?
Componho poemas tristes
e tento ser dócil.*

O poema é mais do que uma emoção que vem à flor da pele. O movimento de tornar visível a estranha através das formas da linguagem leva em consideração o rigor da comunicação, o ritmo, a capacidade de condensação da experiência na poesia. Por isso, o poema não tem que ser "fácil" nem "difícil". Fácil ou difícil é o sentimento que o leitor tem quando tenta abandonar-se ao fluxo do poema. Viagem sem regras, requer apenas que o leitor se permita viajar.

O leitor se põe como cúmplice de cenas e momentos, sócio de um olhar sobre o mundo, sobre nossos confundidos e mesclados sentimentos. Quanto mais o leitor me desconhece, e eu a ele, mais essa alquimia se torna possível, mais podemos prescindir um do outro, em favor do nosso mútuo amor pela linguagem.

Esse olhar que me é revelado, construído de dentro da experiência, preservado e advogado pela "estranha", esse olhar está na lente da poesia. Faz nascer cenas, momentos, pequenas revelações do cotidiano.

É na crença da cumplicidade de um leitor que tais poemas são feitos, para eternizar o momento, torná-lo verdadeiro, reviver o frescor da cena, os ruídos à sua volta, as sombras que lhe serviram de

fundo – até que a cena possa desprender-se de mim e de minha memória – até que possa sobreviver à minha memória.

*Foto familiar,
xilogravura no metal memória:
jovem mãe com recém-nascido
ao colo nú
lhe dá
seio e olhar.
Por trás, a Mãe:
as mãos idosas
tocam a nudez da filha,
ao mesmo tempo,
erótica e inocente
– e murmura palavras carinhosas
sobre esse colo exposto
e exultante,
como se recém-renascida fora
aquele instante.*

Também em poemas que evocam temas ou questões sociais e políticas, é preciso deixar emergir esse olhar de dentro, macerar a cena na sensibilidade, como uma aranha entranha o seu próprio fio, puxar o fio da meada da cena exterior desde a intimidade de sua percepção.

*Hoje, Beleza entrou pelos meus olhos
por caminhos tortos e, vestindo
a roupa de Miséria, deu-se a ver
subitamente à tarde da Praça Tiradentes,
onde mendigos fizeram
de um canto a sua casa
e de sua vida privada a insônia pública,
usando apenas papelão e trapos,
e restos de lenha e lua.*

*Talvez porque eu estivesse tão carente dela,
Beleza podia me aparecer,
justamente onde Miséria punha corpos sujos,
pois, enquanto eu passava, uma mulher
mendiga sorriu – não para mim,
mas para o mendigo – o homem,
que, sentado no chão da praça, tinha o rosto iluminado.
E, sobre a calçada ela se deitou e eles se beijaram,
se beijaram por vezes seguidas,
e na cena pública corpos negros se inclinavam
compondo um ângulo de breu e de segredo.*

*E, posto que às três da tarde,
naquela zona da cidade,
não se comercia prostituição e sexo,
eu concluí que eles se alhearam
de Babilônia em torno, e centrados
no que lhes era próprio e interior,
felizes podiam ser por um momento.
Beleza perturbava
o semblante dos passantes,
jogando por terra conceitos de Miséria.*

*E eu que, no vazio do ar, não tinha a sua boca,
me senti a mais mendiga das mulheres.*

Se um poema é dedicado a interlocutores especiais, um amigo, um amante, isto não responde à dúvida se este interlocutor, como motivo do poema, não foi só um álibi para a sua escrita: o amigo-álibi, o amante-álibi, e assim por diante. O leitor é um comparsa de um crime perfeito: dedicar uma canção a alguém é, ao mesmo tempo, uma prova de carinho e um inestimável subterfúgio para dedicá-la ao leitor anônimo, ou seja, a ninguém.

Não será exagerado dizer que o escritor pode até vir a se esquecer para quem fez o poema. Principalmente quando a mensagem do poema, tendo se apoiado no álibi, é lembrança e revivência de outros amigos ou amantes, ou traço fundamental do ser amigo ou amante, que nos marcou a experiência da amizade e do amor. Não apenas podem o amigo-álibi, o amante-álibi esquecidos, como sua lembrança pode se tornar irrelevante ou até indesejável. O poema se

afirma como obra, desprende-se da intencionalidade do escritor, conquista seu valor geral e sua independência estética. Neste momento, o escritor é um autor e o leitor é um anônimo, não persistindo entre eles laço algum senão o poema em si mesmo:

*Não há partes prediletas de teu corpo
que me excitam os sentidos
e me façam
as pupilas e a vagina mais molhadas,
como pedaços de um ícone quebrado.*

*Te quero pleno, inteiro, e articulado
se enroscando em meus pedaços, a dar-me
uma visão inteira de mim mesma
no espelho abissal de teu abraço.*

*Não há partes prediletas de teu corpo,
pois o que seria de mim, sob teu peso,
ao sentir teu pênis meu e teso
sem, antes, um afago nos cabelos?*

*Não há partes no todo predileto
de teu corpo, lábios, nuca,
a pequena marca sobre o peito,
mamilos, calcanhares, a garganta.*

*Partes
e inteiro
me ficas, predileto,
no teu cheiro espalhado sobre a cama.*

3 O MOMENTO EM QUE O ESCRITOR SE TORNA "O AUTOR" E SE DIRIGE A UM LEITOR ANÔNIMO, UM "PÚBLICO", TORNANDO O POEMA UMA OBRA DA LINGUAGEM

Para que o poema se torne independente do corpo-a-corpo do escritor/leitor, não basta publicá-lo. Antes, essa liberdade só se consegue na maturação da obra, e é encontrável também em poemas que nunca foram editados, mas que cuja leitura recém-descoberta

revela um valor de comunicação universal, a possibilidade de pertencer ao mundo. Universal porque não pertence a ninguém em particular. Que importa quem foi o seu autor? Que importa quem os vai ler? Lá está um poema que pode ser lido através dos tempos e das culturas e ainda assim ser entendido, reinterpretado, reinventado.

O processo que faz, de um escrito, um poema é o mesmo que faz, de um escritor, um autor, e que torna o leitor um outro qualquer, anônimo e particular. Autoria e anonimato pesam sobre a relação escritor/leitor com a força de um estigma. Inútil buscar um reconhecimento direto entre eles. Divagam no reino da linguagem cada qual em seu caminho. O que procuram é a Estranha escrita: o poema que transcenda autores e leitores como reafirmação da linguagem, e da vida, que transpassou autores e leitores para que a poesia se fizesse.

*O mais bonito de um poema
é aquilo que não se vê no poema,
o que se suspeitou, se olhou em perspectiva,
aquilo para o que o poema aponta
como uma lente de fotografia
sem filme
e deixa existir sem cópia
e é só descobrimento
e assim se sabe que o poema terminou,
mas não Aquilo.*

No entanto, não podemos nos enganar: para escritor e leitor a peregrinação não acabou. A estranha permanece. O estranho do leitor pede mais. É preciso retomar o ciclo de criação, o desejo de dizer, o desejo de reinventar. Para o escritor, recuperar a própria intimidade é essencial para renovar a capacidade de deixar emergir a estranha. É preciso deixar de ser autor e voltar a ser escritor. Reconhecer-se no silêncio, experimentar os limites, deixar-se atravessar pela alegria e pela dor do escrever. Servir, outra vez, de instrumento.

*Todos os desejos têm uma só raiz
que brota de meu corpo,
exigente,
e suga meus saís e sangue e água e alma
para depois dizer que são meus
e me alimentam.*

*No momento em que se vão sou fraca,
mas fico forte na hora em que retornam.*

Esse leitor público, ou público leitor, é por demais concreto para que possa servir à minha fantasia. Poderá aprovar ou não o poema, escrever cartas, expressar opiniões. E meu limite, o limite de meu imaginário. Preciso entregar-lhe meus poemas – para que possa esquecê-los, para que possa esquecer-me, pois é no esquecimento radical que está a possibilidade de retorno à inocência, à graça, ao inconsciente, ao transe, ou qualquer outro nome que se queira dar à “Estranha”.

E enquanto o leitor vaga à cata de poemas, o escritor também retoma a sua peregrinação, dois estranhos unidos por um duplo desejo do gozo da linguagem e de um generoso ajuste de contas com a própria vida.

*Tudo o que Vida me deu
tirou-me em dobro,
tudo o que me tomou,
multiplicou;
e, nessa conta,
ora perdendo, ora ganhando,
andamos quites: sempre,
Vida e Eu.*

TRAVELLERS IN THE WORDLAND

Or how it can be possible to maintain a profound intimacy between two strangers until they become identified and separated by the double stigma of authorship and anonymity: reflections on the writer-reader relationship.

SUMMARY

Whilst presenting a personal account of her poetry, the author reflects on the relationship between authors and readers as a special intimacy constructed through sensitivity and language.